



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da unidade de propeno da Refinaria do Planalto Paulista (Replan)**

**Paulínia-SP, 12 de maio de 2009**

Meu caro companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,  
Meus caros companheiros deputados Carlos Zarattini e José Mentor,  
que chegou atrasado e por isso não veio para a mesa,

Meu caro José Pavan Júnior, prefeito de Paulínia,

Meu caro companheiro Hélio de Oliveira Santos, prefeito de Campinas,  
em nome de quem cumprimento os demais prefeitos que estão aqui presentes,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da  
Petrobras,

Nosso querido companheiro Paulo Roberto da Costa, diretor da área de  
Abastecimento da Petrobras,

Meu caro Daniel Teixeira Machado, gerente-geral da Replan,

Meu caro companheiro João Antônio de Moraes, coordenador da  
Federação Única dos Petroleiros,

Trabalhadores, trabalhadoras,

Meus amigos, minhas amigas,

Companheiros e companheiras da imprensa,

Hoje é a primeira vez que eu participo de uma solenidade em que, olhando para a bancada da imprensa, eu vejo uma maioria esmagadora de mulheres cobrindo este ato. Fico feliz e fico triste. Fico feliz porque as mulheres estão consagrando o espaço em todas as áreas, mas é preciso que vocês fiquem espertas para que isso não seja motivo para diminuir o salário da profissão, porque é sempre assim que acontece no País. Dificilmente se coloca



uma mulher para ganhar o mesmo salário do homem, mesmo quando ela está substituindo ele. Então, é importante ficarem espertas e que o Sindicato levante a cabeça para brigar para que haja igualdade. Afinal de contas, em 1976, eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e eu conquistei uma coisa no Superior Tribunal do Trabalho, que era o salário substituto. Foi uma lei que [pela qual] eu briguei muito e foi aprovado que uma pessoa que vai substituir a outra para fazer a mesma função, seja homem ou mulher, negro ou branco, evangélico ou católico, corintiano ou Ponte Preta, tem que ter o mesmo salário se estiver na mesma função. Então, atenção mulheres, fiquem espertas, porque senão alguém vai lucrar às custas do baixo salário.

Por que eu vim aqui hoje? Vocês sabem que a minha agenda... Eu tenho quatro pessoas que cuidam da agenda e que fazem avaliação política da agenda, e em uma demanda de 100 pedidos, sei lá se por dia ou por semana, o pessoal faz uma peneira e me traz apenas aquilo que eles consideram essencial. Ao mesmo tempo, eles me mostram a parte grossa das coisas que eles acharam que não eram importantes. Dentre as coisas que não eram importantes, era vir aqui inaugurar esta fábrica de propeno. Eles acharam que não era importante. Eu dizia para eles o seguinte: companheiros, no momento em que o mundo está vivendo uma crise sem precedentes, no momento em que o Presidente dos Estados Unidos está com um problema sério, no momento em que o Presidente da França está com um problema sério, a Primeira-Ministra da Alemanha, o Primeiro-Ministro da Inglaterra, o Primeiro-Ministro do Japão, um país como o Brasil inaugurando uma unidade de propeno, vocês não acham importante? Nós assistimos a tantas notícias ruins, todo santo dia, que na hora em que você pode, você deve visitar todas as coisas que significam melhoria da qualidade produtiva, da qualidade de vida e da qualidade de investimentos deste país.

Eu dizia ao companheiro José Sergio Gabrielli que ontem eu recebi da



Embrapa aqui de Campinas... Eu tinha encomendado para a Embrapa que ela fizesse um acompanhamento, por fotografia de satélite, das obras do PAC do Brasil inteiro. E ontem o companheiro da Embrapa me leva a Brasília uma quantidade de mapas que eu tinha encomendado para ele. Eu dizia para o companheiro José Sergio: esses mapas vão ficar expostos na porta da minha sala, lá onde nós estamos trabalhando agora, no Banco do Brasil. Eu duvido que tenha algum país do mundo, neste momento, que tenha a quantidade de obras simultâneas que tem o Brasil neste momento. Duvido. Eu acho que a quantidade de investimentos, nem o próprio governo tem conhecimento. Certamente, um ministro não sabe o que o outro está fazendo. Certamente a imprensa, que acompanha a prestação de contas do PAC a cada quatro meses, tem um pouco de informação. Mas, se vocês olharem este mapa do Brasil, com a quantidade de coisas que estão acontecendo neste momento no Brasil – agora às 11h19, que eu estou falando aqui – a quantidade de obras espalhadas por este país afora, eu acho que não tem precedentes na história deste país.

Isso é resultado de duas coisas. Primeiro, a decisão do governo de que a gente não ia reduzir um centavo nas obras do PAC. Segundo, uma obra que, porventura, tivesse dificuldades com o Ibama, com o Ministério do Meio Ambiente, com o Tribunal de Contas ou com o Poder Judiciário, a gente não iria ficar esperando essa obra com dinheiro no cofre. Nós iríamos escolher outra obra da mesma envergadura, que tivesse o projeto executivo pronto, que não tivesse problema em lugar nenhum, para que essa obra começasse a ser executada logo.

Por que nós fizemos isso? Porque neste momento em que o mundo vive essa crise causada pelos países ricos, é importante que a gente gaste o que tiver que gastar em investimentos para que a gente possa fazer fluir os recursos, gerar empregos, gerar distribuição de renda e gerar crescimento econômico para este país. Todo mundo que acompanha a imprensa sabe



perfeitamente bem que nós temos um problema no primeiro trimestre – no último trimestre do ano passado e no primeiro trimestre deste ano.

Eu fico me perguntando, ministro Lobão, o que aconteceu na indústria automobilística, que caiu tanto a venda de carros. Na verdade, tem gente que, na hora em que aparece uma crise, também tenta tirar proveito da crise. O que aconteceu, na verdade, é que como se tinha, neste país, 300 mil automóveis estocados, as empresas fizeram a opção de parar a produção e vender o estoque. É muito engraçado, porque logo no começo do ano, quando nós fizemos a isenção do IPI, a indústria automobilística começou a produzir e o povo teve que ficar na fila para comprar carro. Não tinha carros para vender na hora. Você ia a uma revendedora e ficava 20 dias esperando, 30 dias esperando. Por quê? Porque em vez de produzir no final do primeiro trimestre e no começo do segundo trimestre, eles fizeram a opção, primeiro, para [de] desovar o seu estoque, que era muito grande.

Assim vale para várias cadeias produtivas do Brasil. As pessoas trabalhavam com estoque de 30 dias, resolveram diminuir o estoque e começar a trabalhar com estoque menor. É por isso que nós tivemos um trimestre muito delicado – o último trimestre e o primeiro trimestre.

O que está acontecendo agora? O que está acontecendo agora é que vários setores da economia já começam a dar sinais de recuperação para o segundo trimestre deste ano, nos meses de abril, maio e junho. Certamente, isso vai melhorando até chegar ao final do ano em uma situação melhor, e a gente começar 2010 em uma situação infinitamente melhor. Isso só está acontecendo porque a gente não parou. A própria Petrobrás... Vocês viram o José Sergio dizer agora que os investimentos deles, nesse primeiro trimestre, cresceram 41% em relação ao primeiro trimestre do ano passado, que era um ano de ouro da economia brasileira. A economia estava crescendo 6%, e hoje a Petrobras, em crise, está investindo 41% a mais do que investiu naquele momento.



Eu tenho chamado a atenção dos empresários, eu tenho chamado a atenção do governo, eu tenho chamado a atenção dos trabalhadores: prestem atenção em uma coisa. Essa crise é uma crise em que nós temos que provar quem é ousado, quem tem coragem e quem vai fazer as coisas na hora certa. Essa não é uma crise para ficar chorando ou para ficar lamentando. Em qualquer atividade econômica, tem momentos de pico para cima e momentos de pico para baixo. É preciso que a gente tenha um ponto de equilíbrio que possa garantir que durante o ano inteiro a economia tenha crescido o mínimo satisfatório. Aí, se investirmos corretamente, nós estaremos preparados para que quando acabar a crise, a gente não comece do zero a fazer as coisas.

Nós estamos investindo em estradas, em ferrovias, em portos, aeroportos, saneamento básico. Na história deste país nunca se viu a quantidade de saneamento básico, e os prefeitos que estão aqui que o digam. Tudo isso, não apenas para gerar empregos e melhorar a vida das pessoas, mas também para que a gente possa dar qualidade de vida às pessoas e enfrentar essa crise com mais trabalho, com mais produção.

Hoje, Gabrielli, se você andar pelo Brasil, vai chegar às 9h da noite no meio de qualquer lugar deste país, e você vai encontrar uma obra trabalhando à noite. São estradas que estão sendo feitas à noite, é o canal do São Francisco que está sendo feito em três turnos. Seria até importante que a imprensa pudesse fazer uma fiscalização, acompanhar, para que a gente pudesse ver o que está acontecendo neste país. É por isso que de vez em quando a gente vê uma certa discordância entre o noticiário, necessário mas, muitas vezes, exageradamente negativista, e você vê a opinião pública totalmente diferente, porque as pessoas estão vendo o que está acontecendo na vida real, as pessoas estão vendo o que está acontecendo no dia-a-dia da sua vida.

O comércio varejista não caiu, as pessoas não deixaram de comprar alimentos, as pessoas não deixaram de comprar os bens que precisavam



comprar, os carros continuam vendendo bem. Nós, agora, fizemos isenção de IPI para geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, vocês estão vendo como andam as lojas em Campinas e na região. Se estiver faltando produtos aqui, Hélio, pode mandar buscar em São Bernardo, que nós temos um pouco para vender aqui.

É assim que nós temos que enfrentar essa crise. Nós não temos que ficar chorando, lamentando, olhando para os Estados Unidos e dizendo “coitadinhos, estão mal, se eles não melhorarem não vão ajudar o Brasil. Coitadinha da Alemanha”. Não. Cada um agora tem que dizer a que veio. Nós fomos eleitos, não foi para navegar em céu de brigadeiro ou em mar de almirante. Não. Um presidente da República, quando é eleito, é eleito para trabalhar os momentos difíceis, porque nos momentos fáceis ninguém precisa do governo, não precisa tomar decisões.

Agora que acabou a era do mercado, agora que todo mundo está convencido de que era uma balela dizer que o mercado resolvia tudo, que o Estado tinha que ser mínimo, que o Estado não tinha que fazer nada, não tinha que ter funcionário, que o mercado iria regular tudo, agora que acabou essa balela, as pessoas estão se dando conta que precisam do Estado e de um Estado muito forte. A quem o sistema financeiro americano recorreu na hora da crise? Foi ao mercado ou foi aos cofres do governo? A quem recorreram os banqueiros da Alemanha? Ao mercado ou aos cofres da Alemanha? A quem recorreram os banqueiros ingleses? Ao mercado ou aos cofres da Inglaterra? Graças a Deus, o Brasil não tinha um sistema financeiro apodrecido, não tinha um sistema financeiro vivendo na situação em que viviam os sistemas financeiros europeu e americano, de vender papéis sem produzir um parafuso, sem produzir uma folha de papel. Graças a Deus, o nosso sistema financeiro estava arrumado.

Eu estou, particularmente, tão otimista agora como eu estava em julho do ano passado, em dezembro do ano passado, porque eu acho que é



exatamente em época de crise que a gente mostra quem é quem, é em época de crise que a gente mostra se tem competência ou não tem competência para fazer as coisas. Essa é uma crise que a gente não tem que ficar explicando. A Petrobras poderia ter dito a mim: “Presidente, tem uma crise econômica. Eu não posso perfurar o Poço de Tupi, lá do pré-sal, porque vai custar muito dinheiro e estamos em crise econômica”. Até que tentaram, não é, seu José Sergio? Até que tentaram levar, de 2013 para 2017, os investimentos. Mas é nesse momento que nós temos que fazer investimentos. Vocês estão dizendo aqui, de boca cheia: “A Replan tem 37 anos hoje, dia 12 de maio”. Dia 12 de maio é o dia em que a gente comemora a greve da Scania, em 1978; a primeira greve depois da de Osasco, em 1968.

Nós, agora, para mostrar que vamos investir, decidimos fazer mais três refinarias. Esta aqui é de 350 mil barris/dia? Pouco, para o que nós vamos fazer. Nós já tomamos a decisão: nós queremos fazer refinarias por conta do pré-sal. Nós não queremos exportar petróleo, nós não queremos entrar na Opep – é isso? O que nós queremos, na verdade, é vender derivados de petróleo, é fortalecer a indústria química brasileira, porque esse é um setor de valor agregado extraordinário em que nós somos muito importadores, e o Brasil pode virar exportador.

Nós vamos fazer uma refinaria de pelo menos 600 mil barris/dia no Maranhão, vamos fazer outra de 300 mil barris/dia no Ceará, vamos fazer mais uma no Rio Grande do Norte, e se o José Sergio Gabrielli encontrar mais petróleo, nós vamos fazer uma em Caetés, lá em Garanhuns. Não tem petróleo, mas a gente vai lá e finca uma estaquinha e faz uma refinaria. Por quê? Porque ou o Brasil se prepara, sem chorar, e faz o que tem que ser feito, ou a crise vai acabar e a gente estará mais pobre do que a gente estava. Nós vamos dar uma lição àqueles que não acreditam na capacidade deste país. Tem algumas pessoas que, quando foi se criar a Petrobras, eram contra. Eu mesmo li dois editoriais de um grande jornal deste país, dizendo que era



loucura criar a Petrobras, que era melhor continuar importando petróleo. Hoje essas pessoas vêm com orgulho que o instituto “não sei do que lá”, de Nova Iorque, avalia a Petrobras e ela é a quarta empresa do mundo em respeitabilidade. Com o pré-sal, preparem os ouvidos e os olhos porque logo, logo nós seremos mais respeitados, teremos mais petróleo, mais indústrias petroquímicas e seremos uma nação muito maior.

Portanto, eu queria dizer aos petroleiros que a minha vinda aqui, companheiros da Petrobras, direção da Petrobras, é o seguinte: é para mostrar que este país não vai se render, não somos colônia. Nós somos um país independente politicamente, moralmente, eticamente. Nós não temos que ficar achando que tudo o que a gente importa é melhor, que *made in* “não sei das quantas” é melhor. Não.

Nós temos que provar que este país atingiu uma situação tão boa que nós hoje conversamos com o Obama, conversamos com a Angela Merkel, conversamos com o Gordon Brown, conversamos com o Sarkozy, conversamos com o Hu Jintao em igualdade de condições. Dois chefes de Estado conversando, e cada um defendendo a sua soberania. Mas que ninguém meta o nariz e o bedelho neste país, porque este país é de 190 milhões de brasileiros, e este país vai se transformar, não apenas no país do samba ou no país do carnaval. Este país está predestinado, nas próximas duas décadas, a se transformar em uma grande nação, não só industrializada, mas uma grande nação do ponto de vista da ciência...

Você por acaso sabia, José Sergio Gabrielli, que na semana passada o nosso querido Brasil passou a Rússia na produção de artigos científicos nas principais revistas do mundo? Você por acaso sabia que nós passamos a ser o 13º país do mundo na produção de artigos científicos? Era uma coisa que parecia impossível. Mas na hora em que a gente criou o PAC da Ciência e Tecnologia, em que se coloca dinheiro para fazer com que as pessoas acreditem, as coisas acontecem. Este país precisa apenas de um ingrediente:





que nós, brasileiros, não sejamos mesquinhos com ele; que nós, brasileiros, levantemos a cabeça e não fiquemos achando que tem, no mundo, alguém melhor do que nós. Pode ter igual. Melhor do que nós, não existe. E nós temos uma vantagem: nós sabemos sambar – eu, nem tanto, mas certamente as pessoas sabem, e não tem ninguém no mundo que tenha a ginga dos brasileiros – e nós temos o futebol. A minha imagem no futebol é aquela do Didi, na Copa de 1958. Os mais jovens não se lembram, mas em 1958 a gente começou o jogo perdendo para a Suécia de 1x0. Eles marcaram um gol. O Brasil estava traumatizado por causa da Copa do Mundo de 1950, com o Uruguai, no Maracanã. Eu mesmo, na época tinha 13 anos de idade e já fiquei falando: perdemos. O Didi foi dentro da nossa área, pegou a bola, colocou a bola embaixo do braço, pôs no meio do campo e o Brasil fez 5x2 na Suécia.

Essa crise, a gente tem que fazer [como] o Didi, tem que fazer igualzinho. Nós só temos que fazer aquilo que é a lição de casa e, desta vez, podem ter certeza de que nós não vamos falhar. Nós não vamos falhar. Vamos fazer este país dar um salto de qualidade. Possivelmente, o prefeito de Campinas um dia possa mostrar, o de Paulínia, a quantidade de obras [em] que está sendo investido neste país: hidrovias,clusas. Ferrovias, eu não vou nem falar, porque nós estamos construindo, neste momento, mais de 4.700 quilômetros de ferrovias. Na sexta-feira, José Sergio, eu fui inaugurar uma ferrovia desativada em 1996: a ferrovia do Pantanal. Eu fui inaugurar os primeiros 210 quilômetros, e até julho eu vou inaugurar os outros 249 quilômetros. Uma ferrovia que saía de Bauru e ia até o Pantanal foi desativada. Só de teimosia, ela voltou a funcionar e vai gerar turismo para que o povo brasileiro possa viajar. Este momento é um momento de muita humildade, mas, ao mesmo tempo, de muita coragem, de muita decisão.

Portanto, minha querida Petrobras, meus queridos companheiros diretores da Petrobras, na hora em que vocês constroem uma unidade de propeno, vocês estão dizendo: acabou a era em que a gente tinha que importar



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

derivados de petróleo para que a gente pudesse produzir propeno, propileno e fazer tudo o que a gente precisa fazer. Nós, agora, queremos ser os donos do nosso pequeno nariz.

Um abraço, boa sorte, e parabéns, Petrobras, por mais esta Unidade.

(\$211A)